

metodologia,” atesta o músico. “Como eu observei a paixão dele pela música, pelo choro, por toda essa história, eu herdei também esse sentimento, e levo com carinho e com responsabilidade.”

## A música brilha

Baiano de Salvador, Reco começou a carreira na música tocando guitarra. O apelido “Jimi Reco” não deixava negar o talento nem o gosto musical apurado, seguindo os passos do ídolo Jimi Hendrix e na onda do famoso Festival de Woodstock. Filho de um deputado progressista, veio para Brasília em 1963, mas a família enfrentou uma série de dificuldades quando, um ano depois, começou a ditadura militar.

Numa viagem à Bahia, os Novos Baianos e a Tropicália o pegaram de jeito. Quando as notas iniciais de *Brasil Pandeiro* tocaram acompanhadas de “chegou a hora dessa gente bronzeada mostrar seu valor...” ele estava fisgado. “Comecei a ficar atento a isso. Pepeu Gomes, Armandinho Macedo com *A cor do som*, que no meio daquele show de música pop pegava o bandolim e tocava um *Brasileirinho*”, diverte-se.

Brasília, a cidade do rock, acabou se tornando o terreno perfeito para a mistura de estilos, já que reunia também gente de todo o canto do país. Junto dos baianos, os funcionários públicos que saíram do Rio de Janeiro para a nova capital trouxeram o choro.

“Foi uma coincidência, quando eu voltei a Brasília estava tendo esse começo aqui. E aí eu me incorporei a esse grupo e, de lá para cá, foi uma luta danada”, resume. Inaugurado em 1977, o Clube do Choro de Brasília passou por um período de 10 anos fechado até a reabertura, em 1993, sob o comando de Reco. A inauguração da Escola Brasileira de Choro ocorreu em 29 de abril de 1998.

Antes da pandemia, a escola tinha mais de mil alunos, número que caiu drasticamente em 2020. Este ano, pai e filho celebram a parceria de sucesso e a proximidade de bater novamente essa marca.

## Da crise à era de ouro

Em 2011, a escola passou a funcionar numa sede desenhada por Oscar Niemeyer, no centro de Brasília, mesmo local do Clube do

RenataSamarco/Divulgação



Reco com Paulinho da Viola no Clube do Choro

Diego Bresani/Divulgação



Henrique em ensaio para o 1º disco, *Caminhos abertos*

Arquivo pessoal



Reco e a mulher, Cida, mãe de Henrique

Choro. Lá, Reco e Henrique projetam o legado de outros mestres como eles — Pixinguinha, Garoto, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo e Pernambuco do Pandeiro.

Com esse repertório e metodologia própria, a escola valoriza o ensino de música com base na cultura brasileira. Por meio do *Projeto música na escola*, o incentivo se amplia: o Clube do Choro recebe excursões de escolas para proporcionar uma vivência cultural às crianças.

“Penso que o que a gente tem feito já há muitos anos é uma espécie de braço do Estado. Acho que caberia ao Estado estar à frente disso, porque diz respeito à nossa

cultura”, argumenta Reco.

Na visão dele, nessa área os Estados Unidos podem ser considerados um exemplo. “Tenho muitas reclamações a fazer, mas, sob o ponto de vista cultural, eles têm uma noção muito boa do significado da cultura para o país. É tanto que hoje ouve-se jazz no mundo inteiro, e isso gera riqueza. É um dos segmentos (o cultural) que mais gera riqueza no mundo. As pessoas precisam saber disso”, adverte o pioneiro.

## Mercado de trabalho

Uma das grandes dificuldades dos músicos após a formação é a inserção no mercado, e a escola

Telmo Ximenes/Divulgação



Com Marcel, filho de Baden Powell

Arquivo Pessoal



Henrique com o bandolim do pai

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Pai e filho em novembro de 2002

tem essa preocupação também. Em 2017, inclusive, ganhou prêmio de instituição cultural autossuficiente — de formação de público, de formação de novos músicos e de inserção no mercado.

“Temos uma tradição e uma política aqui na escola, desde o início, de dar bolsa de estudos para os alunos que se destacam e para e alunos de baixa renda. E, quando eles se destacam a nível profissional, nós os inserimos como instrutores e indicamos para ir tocar, colocamos para conviver com os artistas que vêm ao Clube do Choro. Criamos um círculo virtuoso”, resume o diretor Henrique.

## Para seguir os passos dos mestres

As matrículas na Escola Brasileira de Choro estão abertas pelo site [www.escoladechoro.com.br](http://www.escoladechoro.com.br)

O modelo tem sido replicado em outras escolas. Henrique explica que os clubes de choro de Paris e de Santos se basearam na experiência de Brasília para moldar suas instituições. “Hoje, você vê um movimento de choro na cidade. Eu fico muito feliz de sentir que as coisas estão num caminho crescente, pois acompanhei essa trajetória, e tenho esse mesmo espírito de amor pela cultura. Nós não somos empresários. Somos produtores culturais na sua essência, estamos preocupados em promover a cultura e em preservá-la”, continua.

O aprendizado foi duro, afinal, os dois têm alma de músico. “São quase 30 anos desse idealismo sem interrupção”, diz Reco, que considera que o Clube vive uma fase de ouro, com o reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil e o show de ninguém menos que o eterno Beatle Paul McCartney.

“Nós somos brasileiros porque dividimos códigos, dividimos símbolos. A música é isso. Eu não vejo mais a música como sons. Para mim, ela tem a profundidade de unir as pessoas, é essa a finalidade da cultura. Foi isso que eu aprendi com meu pai, e agradeço muito a ele, porque muitos dos prazeres que eu tenho na minha vida, de escutar uma música, de viver aquilo, você transfere para outras áreas também, para tudo o que está em torno. A gente trata a música assim na escola, e esse é o legado que eu acho que ele passou para mim”, diz Henrique, mas reforça a necessidade de que esse conhecimento seja repassado e exaltado.

Reco completa lembrando Pixinguinha: “Pegue um disco de Pixinguinha e coloque na vitrola que você vai entender exatamente tudo isso que ele disse: como é que o Brasil ganha, perde; as alegrias que a gente tem; as tristezas. Está tudo ali. Tem um ditado que diz: ‘A música pode ser considerada um divã sonoro da história’. Você vai compreender o povo ouvindo a música dele.”